



Revista Mulemba
e-ISSN: 2176-381X
v.16, n.30, e202464822, 2024

DOI: 10.35520/mulemba.2024.v16n30e202464822

Dossiê

Um epicédio ao poeta Fernando Couto

Adelino Timóteo

Há duas ou três razões que se me impõem escrever sobre este poeta beirense de acolhimento. A primeira razão, devo dizê-lo, resulta do facto dele ter-me “perfilhado” (cito-o) em 1999, aquando do lançamento do meu “Os Segredos da Arte de Amar”. O que mediava a minha relação com Fernando Couto era exactamente essa cumplicidade: uma relação de pai para com filho, não fosse ele o responsável, posteriormente, pela publicação da *Viagem à Grécia através da Ilha de Moçambique*, que saiu pela primeira vez com o selo da Ndjira, e, logo de seguida, voltou a perfilhar-me num posfácio que acompanha o que seria minha trilogia poética, intitulada *Dos Frutos do Amor e Desamores até à Partida*.

A segunda razão há-de ter a ver com o facto de Fernando Couto pertencer à nata dos escribas antologados em *Poetas de Moçambique*, um volume publicado pelo *Notícias da Beira*, antes da independência, e do qual ele foi principal mentor e dinamizador. Homem de uma escrita prolixa (desde os anos 50 com textos na *Voz de Moçambique*, *Vértice*, *A Tribuna*, *Paralelo 20*, *Savana*, *Domingo*, entre outros), dele bebi, como leitor, ao tempo em que trabalhei no *Diário de Moçambique*, cujo arquivo contém inúmeros textos da sua lavra, podendo servir para traçar-lhe a trajectória e ajudar a compreendê-lo como um dos principais precursores do terceiro período da poesia moçambicana (1945/48 até 1963).

No rasilho dele, descobri-lhe um dos agitadores culturais e das páginas literárias do *Notícias da Beira*, primeiro de 1953 até 1959 e depois ao tempo em que permaneceu formalmente, ainda que discretamente, à frente da editora Ndjira. Muito acima do bairrismo (viveu na Beira 20 anos, fecundando poesia neste solo úbere e a sua prole) que nos unia,

Editores-chefes

Carmen Lucia Tindó Secco
Vanessa Ribeiro Teixeira

Editores Associados

Ana Mafalda Leite
Celso Muianga
Sara Lâisse

muito acima dele ter sido meu editor e cúmplice, escrever sobre Fernando Couto é prestar-lhe o devido tributo pela sua devoção à literatura moçambicana. Uma trajetória singular a que ele se entregou e com fertilidade durante pouco mais de 60 anos, com enlevo no ano 1962, o seu momento auge, em que coligiu a referida antologia, em que pontificam o Nuno Bermudes, o Rui Knopfli e o Gouveia Lemos, com o qual procurou configurar as vozes que se inscreviam na esfera do realismo literário da antiga província ultramarina.

Refira-se que com a mesma motivação também coligiu a antologia *Prosadores de Moçambique*.

Não conheço nenhum outro escriba/editor que tenha alcançado tão nobilíssimo recorde de edição e publicação. É uma razão muito forte, como se vê, apesar de a tal sobrevir o facto dele ser beirense de adopção – nem o facto dele ter nascido em Rio Tinto (junto à cidade do Porto), em Portugal, em 1924, o fazia prescindir da sua empatia, que o tornava tão moçambicano como qualquer um. Era um ser dividido e que deve ser reclamado como poeta moçambicano.

A literatura moçambicana enriquece e muito com a poesia deste poeta, autor de *Poemas junto à fronteira* (1959), que marcou o início da sua carreira poética, constando também da sua verve os livros *Jangada do inconformismo*, *Amor diurno*, *Poemas sensuais*, ambos publicados em 1962, *Feições para um retrato* (1970/71), todos estes na cidade da Beira, *Monódia* (1996) e “*Os olhos deslumbrados*” (2001), em Maputo. Obra essa que ele viria a reunir em volume único, *Antologia Poética Rumor de Água* (2007) e que pretextou o seu reencontro com a Beira, no rastilho do bairrismo, em sentido positivo, que ele nutria pela cidade, e que nos unia.

A terceira razão, afinal não menos relevante, tem a ver com o Mia Couto e depois o irmão Fernando Couto terem cinzelado esta cumplicidade minha com o pai, o Mia levando da Beira para o pai uma mancheia de contos meus sob o título genérico *O Mistério da Felismina*, a primeira tentativa frustrada do velho em publicar-me, e que hoje, rememoro, ainda que na minha gaveta do esquecimento, e o Fernando Couto (filho) a desdobrar-se na busca de meios para acomodar-me em Maputo.

Daí o motivo por que o evoco mais uma vez. Qualquer silêncio meu nesta empresa de evocar-lhe, visto desta forma, soaria a uma traição, pois é da sua solidariedade e lealdade que as portas se me abriram em Maputo, possibilitando o reconhecimento de que desfruto. Em bom rigor, as minhas palavras não versam senão prestar-lhe o tributo que tanto merece pelos seus feitos, por aquilo que deu ao nosso país, onde contanto as suas curtas saídas para as raízes (lembro-me que uma delas foi em 1988), passou mais anos da sua vida entre nós. “Não poderei esquecer e deixar de amar este país”, disse Fernando Couto numa entrevista a Nelson Saúte, revista *Tempo*, 22/05/88.

Da relação com Fernando Couto pude apreender o homem culto que havia em si. Ele sabia usar a palavra para dizer a verdade, mesmo aquela verdade que vai contra o receptor. Recorria ao eufemismo, tal como o fez em 2003, quando recusou a primeira

versão do *Dos Frutos do Amor e Desamores até à Partida*, apelando-me a reescrevê-lo. E não foi a primeira vez, pois já o tinha feito antes com *Os Segredos da Arte de Amar*. Recusas a que sempre acolhi, pois eu sempre vi em Fernando Couto como pai da poesia lírica, da poesia egocentrista, da poesia intimista, como preferirem, do amor, do qual ele e eu temos o Pablo Neruda como o nosso deus, a nossa sombra tutelar.

São estes aspectos de sinceridade que nortearam a nossa amizade.

Falo-vos de Fernando Couto, este pai meu da poesia que continuará a sê-lo, na contingência e imposição que se me impõe a reescrever os escritos, os poemas, a depurá-los, a burilá-los, a medir as palavras, as vogais e consoantes, o som e a harmonia, uma a uma, sem arrepiar o ouvido, sem feri-las, sem que nos deem tédio, e também a consertar e a participar minuciosamente de todo o processo de edição culminando com a impressão. Falo-vos de um mestre a que poucos, pouquíssimos, dos meus confrades, deram por ele, pois ele era uma biblioteca – Heliodoro Baptista (HB) falava disso amiúde, se bem que pelos olhos dele passaram Mayakovski, Antero de Quental, Fernando Pessoa, Eugénio de Andrade, Aragon, Eluard, Supervielle e António Machado. Mas quem o influenciou definitivamente do ponto de vista de formação intelectual foi o Agostinho da Silva. A despeito disso disse em entrevista ao Nelson Saúte e cito-o: “Sentimos como nossa a sua prisão pela PIDE e não esqueço que, em parte, ele foi responsável pela minha maneira de pensar, e que lhe devo muito do que me revelou”.

Como se depreende do título do segundo livro que ele escreveu, Fernando Couto era um homem inconformado, mesmo quando o encontrei no ano de 2014 na Ndjira, desabafando sem compreender a causa que levava a Ndjira a fundir-se ao oligopólio Leya. “*Repare: jangada é o barco dos naufragos. Tinha justamente suportado um naufrágio –o de descrever da construção, assim a modos de milagre, de um novo mundo. Naufrágio daquele sonho, nem por isso desistiria de navegar, porque era implacável necessidade à navegação, mesmo que sem bússola, sem rota, individualmente, mas, de qualquer modo, navegação inconformada*” – assim o afirmou em 1988 ao Saúte, numa das suas avaras entrevistas, em que se joga, se deixa a conhecer, destapando o véu de uma reserva que o nutria, pois detestava o protagonismo, de uma dissidência que ele reprimia para não levantar falsos testemunhos ou inventar inimizades, porque a grande fé que ele cultivou em vida foi, e cito-o laminariamente: “*acredito que os poeta são loucos*”.

A poesia o tomara, para o gáudio dos seus “Olhos deslumbrados”, um livro premonitório que escreveu depois de ler *Zorba, o grego*, de Kazantzakis, o mesmo de *Carta a Greco*. “*Fiquei de tal modo sensibilizado por aquela inesquecível figura por detrás da qual transparece o próprio escritor e poeta*”, confessou ao entrevistador que tenho vindo a citar.

Para o finado, a vida e a morte resultam de encadeamento de reacções, “*ao mesmo tempo encantada e dorida*”. Ele era sábio, pois sabia que a morte, mesmo que se lhe minimize, dói. Dói funda e intrépida a perda deste escritor, de cujas mãos a literatura

moçambicana haveria de conhecer e consagrar os vultos de Isaac Zita e Brian Tio Ninguas, prematuramente mortos.

O que mais se pode acrescentar com o níquel doce das palavras é que Fernando Couto é um poeta e escritor incuravelmente moçambicano. Como testificara então, ao Nelson Saúte, *“de Moçambique levo uma saudade incurável... Mas é claro que não poderei esquecer e deixar de amar este país que adoptei como segunda pátria, que amo por força da osmose... mas que não o trocaria por nada”*.

Fica comigo a sua poesia povoada de sensualidade, erotismo, de amor carnal, do palato com sabor da mulher bela, esculpida. Ficam comigo os ensinamentos que me levam à descoberta de poetas e filósofos de todo o mundo, incluso árabes pré-islâmicos. Não é por acaso que ele organizou uma antologia (*Eu sou estrela polar* – 2011) reunindo poetas da China ao Magreb, do Níger à Espanha, da Coreia à Suméria, da França ao Antigo Egipto.

Fica comigo na memória aquelas ocasiões em que eu costumava visitá-lo na Avenida Ho Chin Minh, em Maputo, ao tempo em que ele era editor da Ndjira, ao tempo em que o nosso bairrismo nos tornava cúmplices e nos permitia ser duas crianças, da mesma idade, quando partíamos de carro, conduzido pelo senhor Manjate, à baixa da cidade, aí na tipografia CIEDIMA, para vermos a arte da composição e acabamento de livros, a sentirmos com assombro o cheiro a papel e uma conversa amena com o gráfico alemão Hans. Terei dificuldades de preencher o vácuo, pois não raras vezes oferecia-me livros e eu regressava à “nossa Beira” com a mala atulhada deles. É dele este poema que corta o silêncio que me escorre, mais frio que a navalha:

O rumor audível de um fio de água deslizando breve. || A leve carícial afluindo o rostol com pudor de ternura. || A melancolia do adeus inevitável e definitivo. || O bramido da cólera dos ofendidos e humilhados com vigor do ventol nos altos montes ou tão só o choro silencioso.

(COUTO, Fernando. “Quero-te, Poesia”.
In: Rumor de Água. Maputo: Ndjira, 2007, p. 13.)